

MINO CARTA

O discurso do basta

Considerações sobre uma fala presidencial habilitada a causar algum espanto

Quando o presidente Fernando Henrique surgiu no vídeo na noite de quinta-feira, 22, e leu o Discurso do Basta (creio que a história, perdão, a História, o registrará desta maneira), do fundo da minha poltrona murmurei: "Eta, ferro". Esta expressão tanto pode significar espanto quanto perplexidade, e até assumir um tom de troça. No caso, tratou-se de espanto. Mas esclareço: não foi por causa da veemência das palavras presidenciais, pelo menos num primeiro momento. Foi pelas duas razões seguintes: primeira, porque ele leu; segunda, porque leu como se os seus olhos estivessem caindo sobre aquelas linhas pela primeira vez.

Me permito sustentar que uma peça da importância do Discurso do Basta não pode ser lida, ainda mais se o cidadão que o pronuncia está acostumado há décadas a falar de cátedra. Literalmente, com o desembaraço próprio de um príncipe dos sociólogos. Fernando Henrique de hábito expõe as suas idéias como Ronaldinho faz gols. O Discurso do Basta, insisto, tem de ser proferido fitando o Brasil de frente, olhos nos olhos. No entanto, vi o presidente cabisbaixo, procurando as palavras e o seu encadeamento nas folhas que segurava, com a incerteza de quem não as escreveu. Fiquei com a impressão de que Fernando Henrique descera da cátedra para ocupar uma carteira escolar no fundo da sala de aula.

Entendam. Não estou dizendo que o presidente deva, necessariamente, declamar os seus discursos como um Laurence Olivier da política. Não pediria a ele que se

radouros do que os do cruzado. Resta saber a quem FHC levou e leva na conversa. Talvez todos aqueles que, ao vê-lo eleito, imaginaram a eminência de uma reviravolta na História do Brasil (reitero o H grande).

De um ex-marxista que virou social-democrata, de um intelectual comprometido com as causas populares, esperava-se um programa de fortes implicações sociais. O próprio presidente celebra o real como a melhor prova da sua coerência, já que encheu estômagos outrora vazios com frangos e iorgute. Mas então, se o povo está satisfeito, quem será que promove a baderna? Quem será que se abala a usar "argumentos como pedras, paus e coquetéis molotov" apesar da ameaça do revide das baionetas? Os sem-terra, sem-teto, desempregados, meninos de rua, não fazem parte do povo do Brasil? Sobra a contundência de palavras que já ouvimos em outros tempos. Baderna, por exemplo, Baionetas, com seu fulgor lívido de ameaça. Estas palavras cabiam magnificamente em bocas militares. Já um presidente que exhibe o currículo de FHC pode soletrá-las numa boa, como se fizessem parte do seu vocabulário mais corriqueiro?

Não faltam ilustres fardados na genealogia de FHC, pendurados ali como enfeites na árvore de Natal. O DNA arma ciladas e quem sabe certas palavras surjam na fala presidencial como sinais de uma herança genética. Sempre é possível, contudo, que um escriba tenha redigido o memorável Discurso do Basta e que

portasse como um grande artista da cena e conferisse a cada passagem a modulação perfeita. Mas o Discurso do Basta exige inflexões especiais em alguns pontos-chave, inflexões graves, solenes e firmes, de sorte a transmitir, inequívoca, peremptória, a idéia da autoridade. Não fosse assim, não tivesse o ímpeto necessário, não esticaria o seu eco para sempre o

discurso em que Churchill previu sangue, suor e lágrimas como preço da vitória. Ou, exemplo oposto, o Discurso do Basta de Mussolini.

Ah, sim. Já houve um Discurso do Basta, da lavra do *Duce*, que o escandiu do alto de um balcão numa praça central de Roma. Dizia ele: fomos pacientes por cem anos, agora basta. A pequena e pobre Itália teria sido paciente em relação às prepotências da França e da Grã-Bretanha. Era a tese mussoliniana, para justificar a aliança com Hitler. Acabou mal, como sabemos. Não me atiro, porém, a comparar o discurso de Mussolini com aquele de Fernando Henrique, embora a palavra *basta* se asente em ambos como viga mestra. Quando vejo perfilados atrás do presidente do Brasil os rostos severos de Antonio Carlos Magalhães, de Luís Eduardo Magalhães, de Marco Maciel, de Inocêncio Oliveira, de Luís Carlos Santos, de Íris Rezende, de varões deste porte, não duvido que o destino de FHC será diferente daquele do fundador do fascismo, ainda que este pudesse subscrever de bom grado uma frase como "a sociedade brasileira (ele diria italiana) exige um basta a este clima de baderna". Com aquele pessoal no barco, o destino de FHC não pode deixar de ser avissareiro.

Como foi o presidente José Sarney. Consegiu cinco anos de mandato em lugar dos quatro previstos — foi a reeleição dele — teve seus momentos de glória com o cruzado, praticou alegremente a regra franciscana (é dando que se recebe) e levou na conversa o doutor Ulysses. Houve quem achasse que o doutor Ulysses era o homem forte, deveriam é ter encarado outro canto do governo, o Ministério das Comunicações, endereço na época de Antonio Carlos Magalhães. Nem todas as comparações entre Sarney e FHC são possíveis, inclusive porque os efeitos do real são bem mais consistentes e du-

Os sem-terra, sem-teto, desempregados, meninos de rua, não fazem parte do povo do Brasil?

alguem o tenha entregue ao destinatário dizendo: manda brasa, Fernando. Ou o próprio o escreveu, mas; ao lê-lo, não se sentiu à vontade, que ninguém é de ferro. Por isso, assaltado pelas dúvidas, na noite do dia 22, no fundo da poltrona instalada diante do vídeo, murmurei "eta, ferro", pálido de espanto.

De todo modo, uma coisa é certa.

Desta mescla de Karl Max com Max Weber que atende pelo nome de Fernando Henrique Cardoso ninguém esperaria que dissesse basta à baderna no mesmo instante em que três cadáveres jazem no chão a Fazenda da Juta, arrabalde paulistano, abatidos pelos fuzis da Polícia Militar. Foram vítimas de uma operação que, vivêssemos num país contemporâneo do mundo, teria de ser conduzida sem armas de fogo — leia-se bombas de efeito moral, mangueiras, cassetetes. Mas aqui não, ações de reintegração de posse são realizadas pela cavalaria e só falta mesmo convocar os canhões. Baionetas? Bem que o presidente teria de dizer balas. Quanto à sociedade brasileira mencionada no Discurso do Basta, suponho tratar-se daquela que, para afastar qualquer chance de reverterio, compra votos e apitos.

Em Paris, faz poucos dias, um sem-documento, imigrante de plagas infelizes, levou uma surra da polícia. Houve várias passeatas de protesto, o *Le Monde* dedicou ao assunto meia dúzia de editoriais. Ninguém duvida que os policiais envolvidos no episódio serão punidos. A França é a França, o Brasil é o Brasil. Aqui o cardeal primaz também se apresia em condenar a baderna, o que talvez reforce as suas qualificações para integrar uma patética maçonaria local chamada Academia Brasileiras de Letras, mais empenhada em consolidar relações entre representantes do poder nativo do que em exercitar as letras. Mas também não tive a oportunidade de ler um único, escasso editorial a respeito do assassínio de três sem-teto. Em compensação, no vídeo noturno passeiam altaneiros os locutores, de olhos rútilos — este era um adjetivo caro a Nelson Rodrigues — na hora em que se esmeram em distorcer as palavras de um sonhador, um certo Stédile transformado em demônio de plantão.